



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA  
RISA



# O MOCHO e OS BOIS

Por JOSE A VALE



O tempo em que os animais falavam, dizem que o Mocho — ave benéfica para a Agricultura — foi encarregado de tratar duma junta de bois.

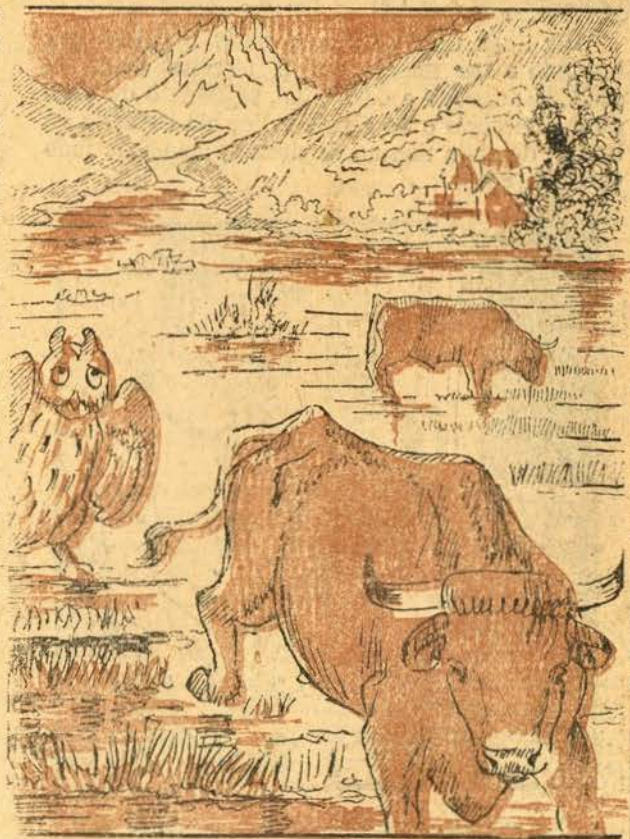
Certo dia em que eles andavam a pastar, muito serenamente, num bom lameiro, fugiu-lhe um dos bois, picado por um grande moscardo.

Como não soubesse o rumo que o animal tomara, e como temia dar contas ao patrão — «que se chamava Domingos» — não quis aparecer em casa sem procurar o fugido animal, com todo o cuidado.

Entregou, portanto, o boi que tinha ficado no pasto a um seu conhecido, e ele partiu, percorrendo montes e vales, lugares isolados e sombrios, de dia e de noite, clamando sempre: — «boi... boi... boi...»

E, como não houve meio de o encontrar, considerou-se despedido da casa do patrão, não deixando, todavia, de continuar a procurar o boi.

Ora é por isso que nós, ainda hoje, vemos o Mocho sempre envergonhado e o ouvimos, muito melancolicamente, a falar do seu amo e do perdido animal, dizendo: — «Domingos!.. Domingos!.. boi... boi... boi...»



*O sentimento da vergonha é um dos baluartes da Honra.*

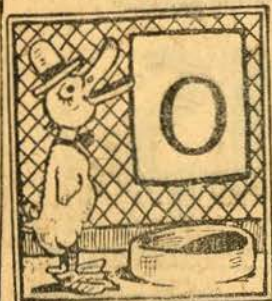
*«Quem a vergonha perde, nada mais tem que perder».*



# “MISS” BIGODES

POR JOÃO C. FERRERI DE GUSMÃO

DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑÉ

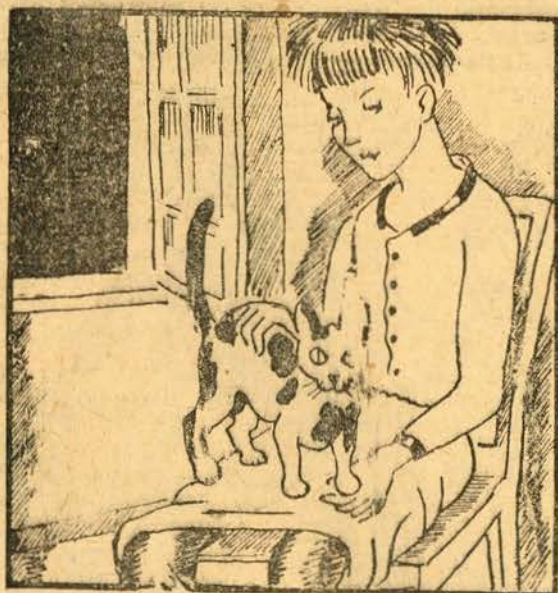


S olhitos de Mariazinha estavam vermelhos, tinha chorado naquele dia.

Ela sempre tão alegre, com aquela vivacidade infantil, tinha chorado!

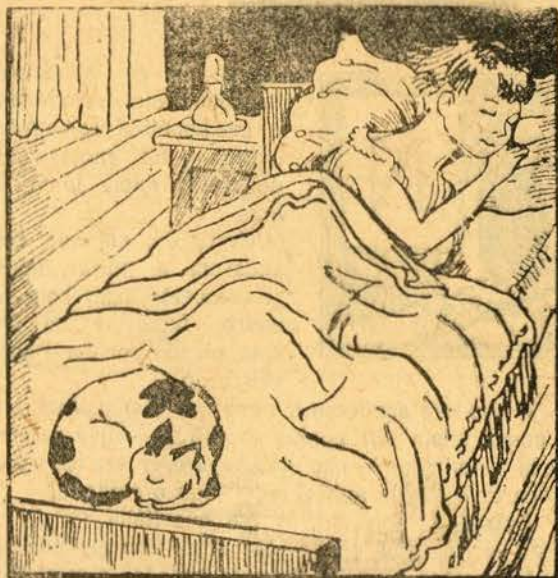
Que lhe teria sucedido? Raihar-lhe-iam por alguma maldade? Não! Mariazinha chorara por ter bom coração.

Ela tinha uma gatinha, a «miss Bigodes» que era tódo o seu mundo, era o terceiro amôr da sua vida; primeiro o da família, segundo o do estudo e o terceiro o da gatinha. Por ela deixaria de comer, deixaria mesmo de dormir, acima de tudo «miss Bigodes».



P. s exatamete naquele dia, a «miss» não tinha ainda comido! Tinham-se esquecido de lhe dar de comer! Mariazinha viu a falta de cuidado,

e, numa corrida em que mostrava tóda a graça infantil, foi ter com a mamã a quem contou, chorando, tódo o mal, tóda a falta de cuidado que havia com a sua «miss», — «nem leite, mamã, nem leite lhe deram ainda,» — soluçava a Mariazinha.



Tratou-se então da gatinha, e Mariazinha, riu, com um riso franco e alegre, mostrando a fieira de dentes muitos brancos.

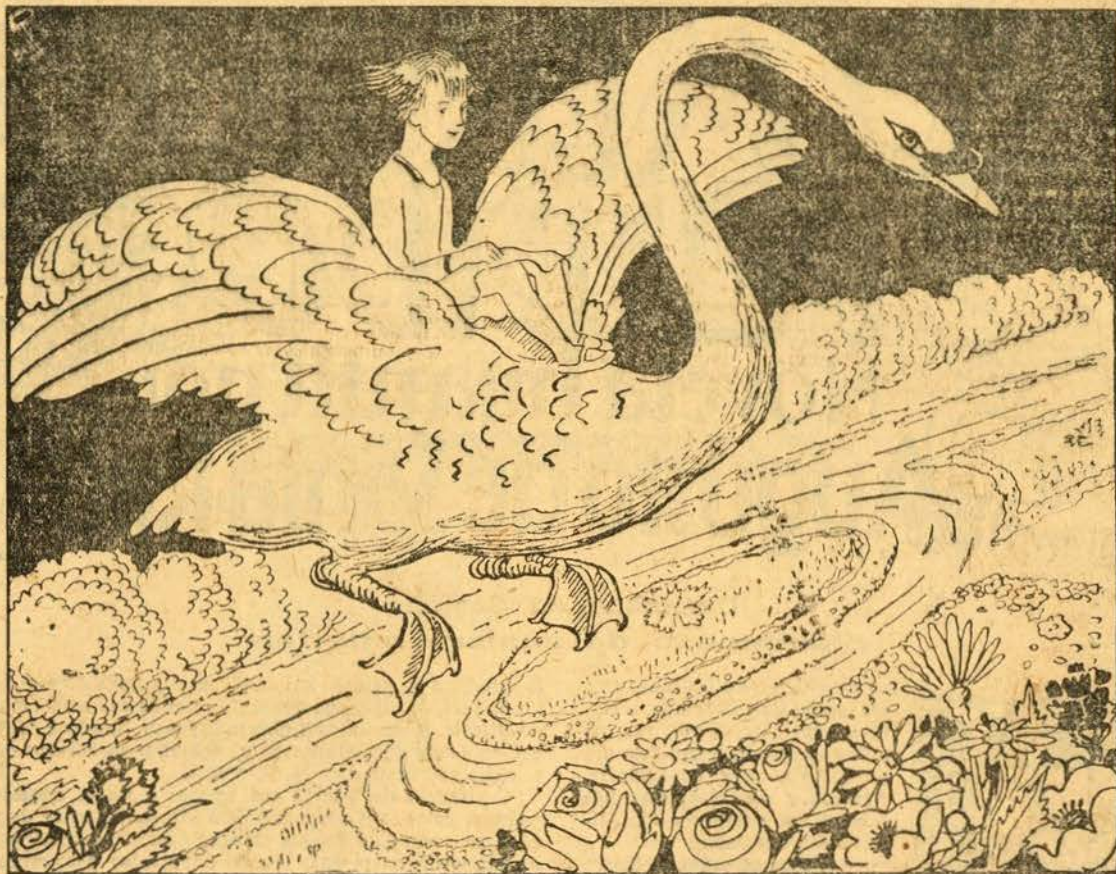
Mariazinha estava satisfeita. Olhava a gatinha com um arenternecedor

No seu quartozinho forrado de vermelho Mariazinha dorme e a «miss Bigodes» aos pés, há muito que ensaiou o seu rom-rom.

Nuvens côr de rosa passam pelo cerebro de Marizinha que sonha:

Fala «miss Bigodes»: Sou um enviado da rainha das flôres que me mandou aqui depôr a vossos pés o seu trono, e bem estar, caso vós tivesseses um coração com tanta bondade como de aroma tem minha senhora e rainha.

Mariazinha viu a gatinha transformar-se num



lindo cisne branco que a arrebatou num vôo rápido através das nuvens.

Vouu durante muito tempo o cisne, e Mariazinha sentiu, de repente, um deslumbramento. Tudo em volta dela era vida, e côr. Desde a papoila humilde à camélia real tudo ali se encontrava, reunido numa disposição que só mão de fada poderia realizar.

O cisne, o lindo cisne, transformou-se num cravo que logo murchou. Mariazinha deu uns passos e notou com estranheza que tôdas as flôres murchavam à sua passagem. Elas só lhe rendiam viçosas. Ela era superior às próprias flôres.

Mariazinha não se sentiu orgulhosa; continuou a caminhar, até que chegou ao pé duma rosa imensamente grande, de onde se evolava um perfume delicioso e embriagador.

A rosa assim lhe falou:

Sou a rainha, como deveis saber, de tôdas as flôres!

Como o leão na selva, eu num jardim. Um dia trouxeram-me a nova de existir uma preciosidade, um ente superior a mim em beleza e bondade. Mandeí o cravo mais lindo do meu reino descobrir o paradeiro de tão bela flôr, que ninguém lograra ainda colher. Por isso eu vos deponho aos pés meu trôno, para ser um simples ornamento à vossa natural beleza e bondade. E a grande rosa, que reinara séculos, fechou as suas pétalas, tornando-se uma sombra, um espectro da que fôra rainha das flôres. Dobrou a sua haste altiva, até tocar nos pés de Mariazinha, que, pela primeira

vez, sentiu uma pontinha de orgulho e vaidade. Sorriu com aquele luminoso sorriso que já tive a dita de lhe vêr.

Continuou seu passeio pelo reino das flôres, onde ela era, agora, a rainha. E Mariazinha viu uma flôr encantadora, de delicioso pertume, que apanhou para ornamentar seus formosos cabelos.

Mas a flôr, ao sentir-se entre os dedos de Mariazinha, e vendo a sua inferioridade, logo mirrou, e, uma a uma, suas pétalas se despenderam, indo atapetar o caminho que Mariazinha havia de pisar. E, então, Mariazinha pensou:

Que prazeres poderia haver se tudo murchava se tudo desaparecia, só para lhe render homenagem.

Mariazinha sentiu pena da sua família, teve medo, só, tão longe, muito distante dela e chorou de desespero, num choro aflitivo e convulso...

Mas, que tens, Mariazinha, estás tôda a tremer?! Anda, levanta-te, que são horas.

Mariazinha abriu, então, os seus olhitos muito vivos e viu o seu quartozinho, a caixazinha de costura com figuras, século XVIII, e a sua «miss Bigodes» enroscadinha, fazendo o seu rom-rom. Mariazinha sorriu, e sentou-se na caminha branca, como a sua alma, onde lhe foi servido o primeiro almoço.



# O MENINO PERDIDO

## Novela infantil por Augusto de Santa-Rita



Desenhos de Castañé

(Continuado do numero anterior)

FOS a confissão de Toninho, pôs era assim que Bernarda o tratava ainda, confissão que, simultaneamente, constituía um desabafo e uma confidência, Bernarda, com lágrimas nos olhos e um sorriso na boca, limitou-se a exclaimar:

— «Para que ergueste tão alto as tuas vistas, Toninho?! Como admitiste a hipótese dum tal casamento? Pois não vias que a neta da senhora Condessa só com neto de condes ou generas?

lozavam na pequenina saleta da modestíssima casa do feitor Miguel, Josefina, no opulento solar de sua avó, Condessa d' Olivete, e, só, em seu quarto luxuoso, amplo e confortável, soluçava angustiadamente, abafando os soluços no travesseiro arreendado.

O silêncio do quarto era apenas cortado, quando em quanto, pelos seus soluços e pelo «tic-tac» perene dum pequeno e artístico relógio, colocado em cima dum contador de páu santo, entre duas janelas envolvidas por amplo cortinado, quando, súbitamente, se entreabriu a porta e sua avó assomou, intrigada, ficando-se a olhar a neta numa expressão de interrogativo espanto.

Nunca lhe passara pela cabeça que sua neta, sempre tão animada e que sempre supuzera feliz, fôsse capaz de lhe ocultar a mínima contrariedade, quanto mais um desgosto, uma mágoa, um grande sofrimento como o que aparentava, tão sentidamente, agora, e que ela surpreendera, assim, de chofre e por acaso.

— «Porque choras, Fininha?! Quem te fez mal? Porque te escondes para soluçar dêsse modo, sem confiança alguma no meu amor por ti?!...»

Pousando, então, a cabeça, de lindos cabelos loiros, destrançados, no regaço da avó, da avó que, tão carinhosamente, se lhe dirigia, Fina, num vislumbre de esperança, confiada já na sua indulgência, decidiu revelar-lhe tódo o seu segredo.

Qual não foram, porém, o seu espanto e surpresa ao notar a rápida transformação que se dera na expressão da avó. De carinhosa e terna passou a ríspida e grave e, categoricamente, concluiu:

— «Não, minha neta, tu não podes, de forma alguma, continuar a alimentar êsse sonho que não passa, por certo, dum simples devaneio, um devaneio romântico, impróprio e indigno do teu espírito reflectido e sensato. António é um

exposto, uma pobre criatura cuja ascendência ignoramos e que tanto pode ser filho de gente, embora pobre, honesta, como de malfetores, de bandidos; quem sabe?!»



te de posição, poderá vir a casar?! Esqueceste quem eras?!...»

— «Sim, um exposto, um engeitado!... É certo! Tens razão, mãe Bernarda!» (E Toninho irrompeu num choro convulsivo) — «Quem será minha Mãe?! Que mulher sem entradas, que mãe desnatural...»

— «Imediatamente, Bernarda o interrompeu, entre repreensiva e carinhosa, procurar a alma a íntima revolta:

— «Filho...»

— «Mãe?!...» — exclamou Toninho, acrescentando dolorosamente: — «Filho, Mãe... Ah que palavras tão belas...»

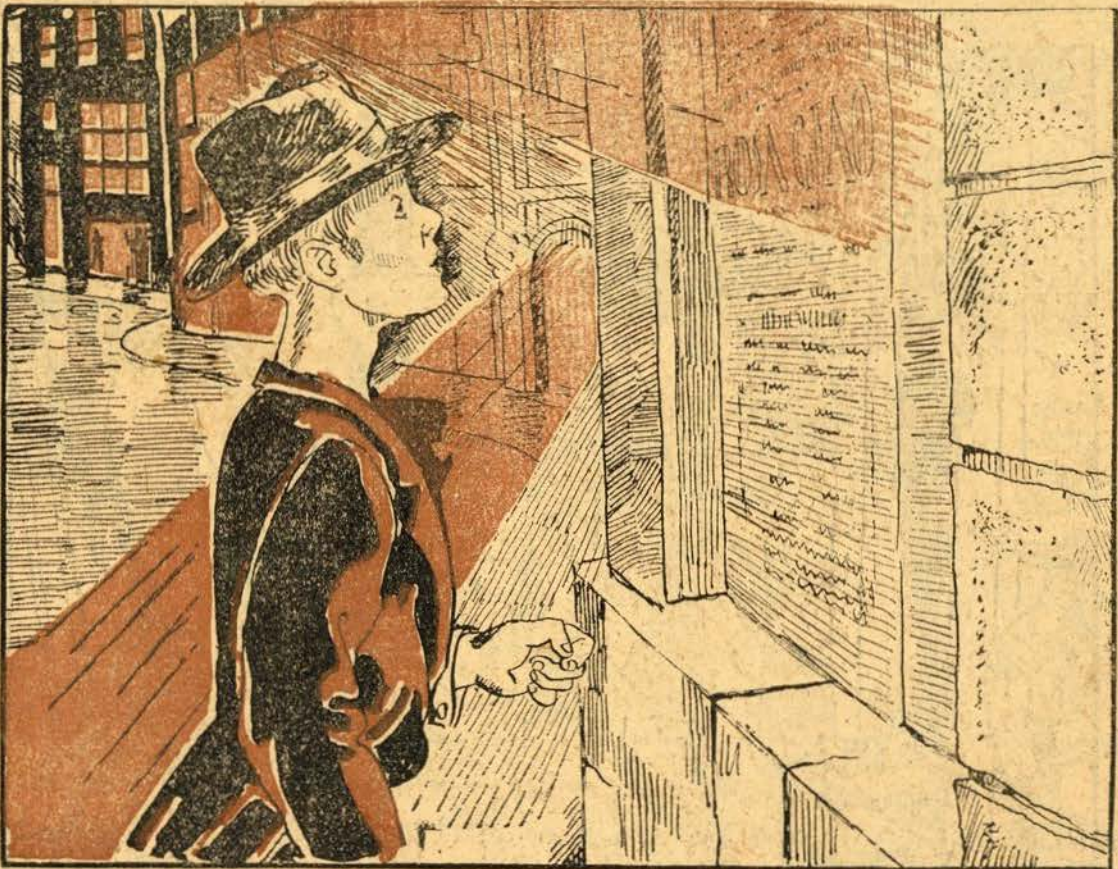
Então, piedosamente, Bernarda prosseguiu:

— «Sossêa, filho, sossêa! Não acuses, assim, levemente a pobre mulher que te pôs neste mundo. Deus sabe porque ela te abandonou! Só Ele a pode julgar. Quem sabe a dô, o sofrimento horrôso que a obrigou a fazer-te, a separar-se de ti em situações na vida!...»

— «Ah não, não! Nada poderá justificar tal acto!» protestava, cruel e injustamente, António.

Enquanto Bernarda e Toninho tão dramaticamente dia-





— «Hipóteses que ultrajam e que eu não posso admitir, avô; respondeu Fina, numa atitude insubmissa e de inconcisa revolta. Conheço os seus sentimentos e é porque bem os conheço, que o admiro e o amo».

— «Embora! Terminantemente me oponho a um casamento tão manifestamente desigual!» E, dando uma brusca reviravolta, em direcção da porta que, abrindo, logo transpôs, os seus passos foram se, a pouco e pouco, sumindo, ao mesmo tempo que Josefina prosseguia chorando convulsivamente e abafando os soluços no travesseiro arrendado.

\*  
\* \* \*

Decorreram dois anos. E em Paris, na estação «Quai d'Orsay», um grupo de pessoas de alta categoria, aguardavam na gare, por linda manhã de Primavera, a chegada do «Sud-express» que conduzia, numa caruagem de primeira classe, a grande cantora portuguesa Rosa Gião, contractada para quinze ricitas pela direcção da Opera Cómica, um dos mais importantes teatros de Paris.

Era constituído o grupo de pessoas que aguardavam Rosa Gião, pelo director da Opera Cómica, Monsieur Perier, sua esposa a grande cantora Rose Marie Perier, pelas actrizes Louise Martin e Gaby Dubois, um secretário do teatro, Doutor Jorge de Olivete, irmão de Josefina que se encontrava em Paris em gozo de férias há dois meses, dois jornalistas e alguns fotógrafos repo ters.

Assim que Rosa Gião pôs os pés na gare, entregando a

bagagem de mão a um corretor do mais importante hotel, feitas as respectivas apresentações e trocados os mais efusivos cumprimentos, dirigiram-se para o local da saída, onde entraram para dois magníficos automóveis, a-fim-de Rosa Gião poder admirar, devidamente, as inúmeras belezas de Paris.



No primeiro carro seguiam Rosa Gião, Jorge de Olivete, Madame e Monsieur Perier. No segundo Louise Martin, Gaby Dubois e os dois jornalistas que, de quando em quando, trocavam impressões com Rosa Gião, falando de carro para carro.

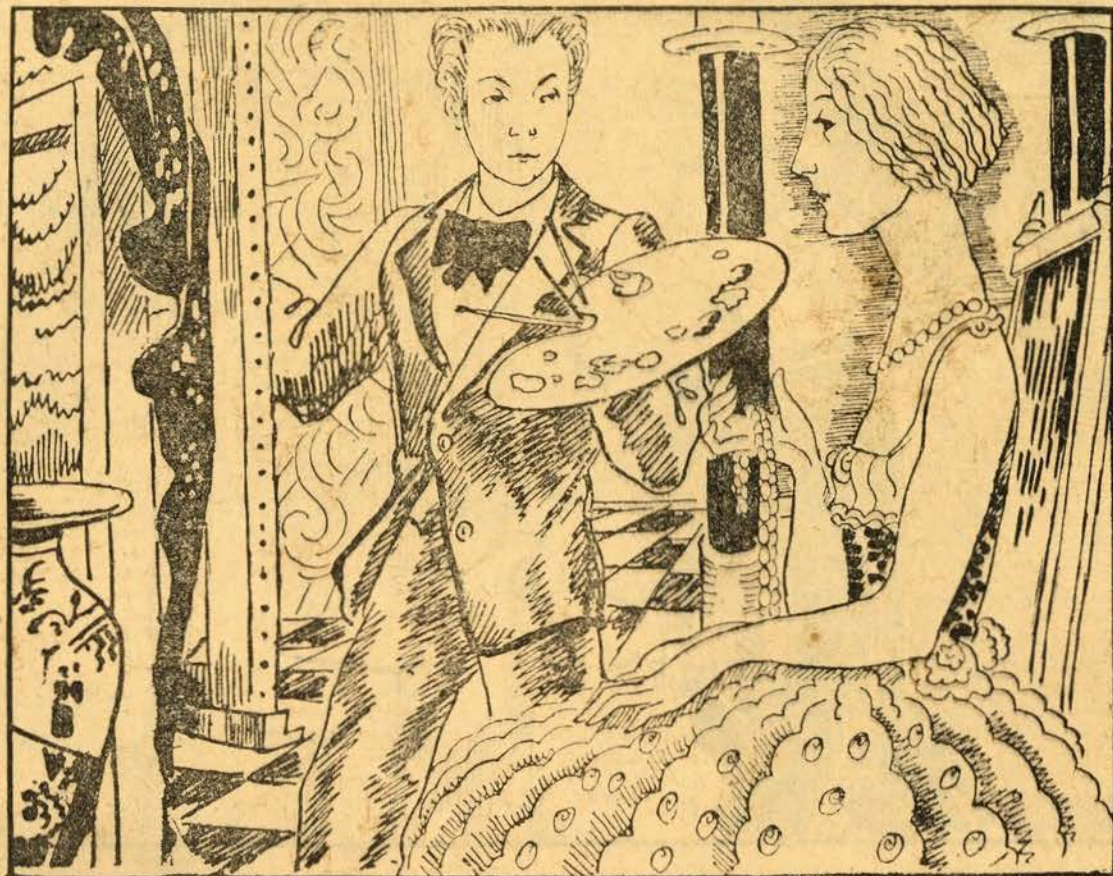
Jorge de Olivete ia encantado com a distinção e graça naturais de Rosa que embora mais, velha do que ele quinze anos e apesar dos desgostos sofridos, não parecia fazer uma tão grande diferença. Tinha agora trinta e seis anos e ele vinte e um.

Servindo, por vezes, de intérprete, em virtude Rosa Gião falar o francês deficientemente, ia mostrando-lhe os principais monumentos da grande capital.

Atravessavam, agora, os Campos Elíseos, e Jorge continuava indicando:—Place de L'Etoile, o Arco do Triunfo!... Le Grand Palais... a Praça da Concórdia... a Torre Eiffel... a Opera!...

E ao passarem pelo monumental edifício, um rapaz simpático e distinto, que estava lendo o cartaz onde, em grandes letras se anunciava a estreia de Rosa Gião, para aquela mesma noite, cumprimentou afavelmente Jorge que correspondeu, tirando o chapéu e acenando afectuosos adeus.

Rosa Gião quiz saber quem era e Jorge elucidou a: — um meu amigo de infância, afilhado de minha Avó, a Con-



dessa de Olivete, um grande pintor português, pensionista do Estado em Paris.

— «Gostava de conhecer esse compatriota!» voltou Rosa Gião que, imediatamente, recebeu de Jorge a promessa de que o levaria, à noite, ao seu camarim».

Terminado o passeio, apenas de hora e meia, em virtude de Rosa necessitar do tempo preciso para se instalar devidamente no hotel e jantar mais cedo, a-fim de seguir para a Ópera, onde deveria chegar às oito horas em ponto, uma hora antes de iniciar-se o espectáculo, Rosa Gião despediu-se dos seus companheiros e murmurou um «até logo» tão afectuoso que Jorge, impressionado, levou todo o resto da tarde a pensar nela.

Imediatamente, Jorge de Olivete foi procurar o seu amigo de infância, chegando ao «appartement» que António habitava, precisamente no mesmo instante em que este regressava do seu giro habitual. E escusado será dizer qual foi o exclusivo assunto da conversa: — a estreia, em Paris, de Rosa Gião e o seu «charme» adorável, o encanto e a graça que a caracterisavam.

E à noite, no camarim de Rosa, Antonio de Olivete era-lhe apresentado por Jorge, ficando os três, vivamente inte-

ressados, a conversar durante os intervalos da apresentação que constituiu, nessa «première», um colossal successo.

Como António de Olivete declarasse a Rosa a empenho que fazia de a retratar numa tela, logo combinaram um novo encontro para o dia imediato, às duas horas da tarde, no «atelier» do artista.

E no dia seguinte, à porta da habitação onde António de Olivete tinha o seu «appartement» e atelier, Rosa Gião apoiou-se da sua luxuosa «limousine» e entrou, confiadamente, na intimidade do simpático, jovem e talentoso artista.

Após as primeiras palavras de cortezia, António de Olivete, convidando Rosa a sentar-se na melhor cadeira que ornamentava o seu luxuoso «atelier», procurou a posição que melhor realçasse o seu formoso modelo, a melhor disposição de luz, e principiou a pintar.

Contudo, o desejo de que a retratada ficasse sorridente e em face da profunda tristeza que o seu rosto revelava, António dispôs-se a indagar, delicadamente, o desgosto íntimo que a sua expressão amargurada exprimia, o oculto drama interior que, certamente, existiria em sua alma.

**C o n t i n u a   n o   p r ó x i m o   n ú m e r o**

## CORRESPONDENCIA

*Maria Branco.* — O senhor Santa-Rita agradece, reconhecido, o novo conto «Diabruras»... que será já publicado no próximo número. Relativamente ao anterior, que considero muito interessante mas impróprio para o «P. P. P.», escreverá directamente a V. Ex.<sup>a</sup> por estes dias.

*Joaquim Augusto dos Santos.* — Já em poder de V.

Ex.<sup>a</sup> deve estar uma carta, testemunhando a muita gratidão do senhor Santa-Rita pela gentil oferta que teve a amabilidade de lhe enviar.

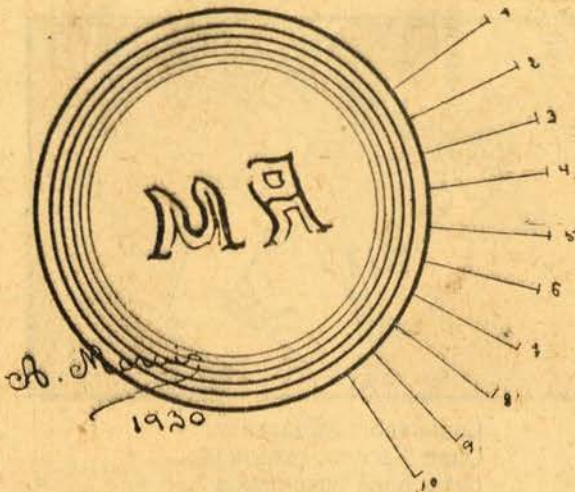
Relativamente aos contos, ontem recebidos, encarregamo de lhe participar que sairão na devida oportunidade.

*Carfóler.* — Sairá muito brevemente a poesia que envio intitulada «Era uma vez»...

*Celeste H. P. Amaro.* — A tua «Comédia em um acto» não está em condições de ser publicada. Mas não desani, mes. Talvez, mais tarde, consigas vêr qualquer trabalho teu, publicado no «Pim-Pam-Pum». Experimenta outro género. Talvez para o desenho tenhas mais habilidade.

TIO PAULO.

# HORA DE RECREIO



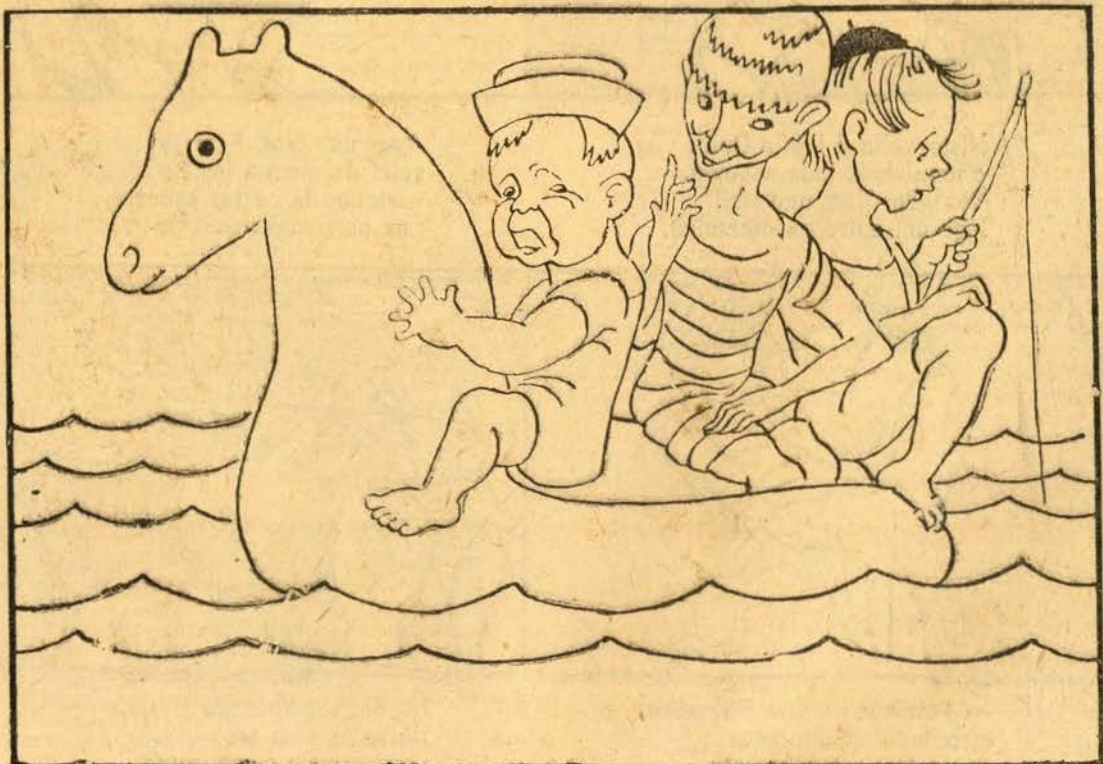
## ADIVINHA

Juntar á silaba «MA» uma silaba ou letra, de maneira a formar palavras com a seguinte significação: 1, uma imensidade de água salgada; 2, lance no jogo de xadrez; 3, cama de lona; 4, mês do ano; 5, adverbio de quantidade; 6, saco de lona fechado a cadiado; 7, o mesmo que mãe; 8, uma fruta; 9, movimento das aguas do mar; 10, que é desagradavel.



Este menino perdeu os sapatos.  
Vejam se descobrem onde eles estão?

## PARA OS MENINOS COLORIREM

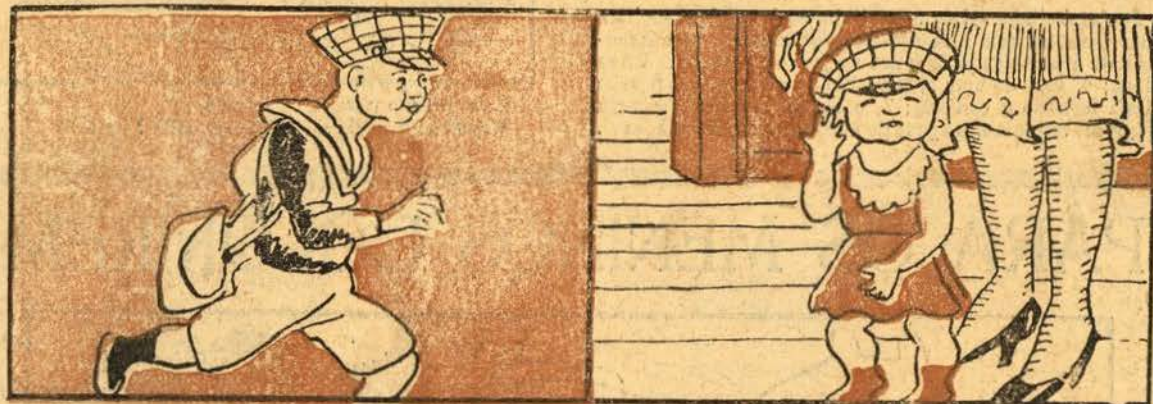


# PANO... PARA MANGAS... OU BONÉS



Quim Forreta vai á loja do alfaiate Barnabé, com dois metros de fazenda, encomendar um boné.

Como sobrasse fazenda, Quim Forreta, presumido, outro boné encomenda para o filho mais crescido.



Nisto volta á loja o Quim e inquire se inda sobejou. Ouvindo dizer que sim, logo um outro encomendou.

Após uns dias, Forreta volta de novo a insistir: —«tenho lá outras cabeças ue eu gostava de cobrir.



—«Pois não! (volve Barnabé) faço tudo quanto peças; que a fazenda sobra até para mais cinco cabeças».

No dia seguinte, ao Quim, Barnabé, sem arremedos, mostra mais cinco bonés para as cabeças des dedos!